

XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

RIBEIRÃO PRETO

EU FUI

ARQUIVO SBPRJ



Emoção da Brasileira: Premiações

SANDRA GONZAGA E SILVA

Gostei de Ribeirão Preto. Um calor inclemente, aquela arquitetura própria da maioria de nossas cidades que destrói suas antigas construções em nome de uma modernidade descaracterizante. Em compensação, um pessoal simpático com o sotaque caipira preservado, ótimos restaurantes, sapatos e bolsas para as moças se fartarem, chope gelado e bem tirado. Excelente orquestra sinfônica tocando uma patética impecável na abertura do Congresso, cujo regente era um maestro talentoso e delicado. Quem teve tempo de visitar a Casa de Potinari também gostou.

Gostei muito de ver a participação de nossa Brasileira - intensa, numerosa, proffica. Não dava para estar em todas as mesas, então, o jeito era pedir cópias dos muitos trabalhos e ler com calma e carinho. Gostei, também, de estar com as pessoas queridas, encontrar e desencontrar para almoços rápidos, bons jantares, papos no cafezinho do Centro de Convenções e no farto café da manhã do Stream Palace.

Capítulo à parte foi o orgulho de assistir aos trabalhos de Renata Martinelli e Denise Salomão, ganhadoras dos prêmios de suas categorias. Exemplos de sensibilidade, atualidade e profundidade psicanalíticas. Um luxo só!

Gostei do formato Diálogos Psicanalíticos e dos Exercícios Clínicos, novidades interessantes. No primeiro, quatro apresentadores fizeram um esforço de síntese em 05min para colocar o tema proposto, dando espaço à participação

da plateia e aprofundamento na discussão. No segundo, um caso clínico é apresentado por etapas para que debatedores e plateia discutam sem prévio conhecimento do material.

Gostei imensamente da mesa sobre “Os limites da teoria e da técnica psicanalítica” com Claudio Eizirik e Plínio Montagna que proporcionou reflexões sobre nosso narcisismo profissional, sintetizado no poema do espanhol Antonio Machado: “Não é que seja triste a verdade. O que se passa é que não tem remédio”.

Gostei de coordenar a mesa de discussão de caso clínico de adolescente, admirar a elegância com que Paulo Bianchini fez seus comentários e aprender sobre contenção e respeito.

Gostei de constatar a força vital de Aloysio D’Abreu.

E como ninguém é de ferro gostei de dançar ao som do “Samba Funk Paulista” na festa de encerramento.

GERAÇÕES FUTURAS E A SUSTENTABILIDADE DA PSICANÁLISE

LÚCIA PALAZZO

O XXIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Ribeirão Preto, teve como eixo temático “Limites: Prazer e Realidade”, em homenagem ao texto freudiano, publicado em 1911, “Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental”.

Debates estimulantes para enfrentarmos os desafios da clínica psicanalítica do século XXI. Princípio de realidade, Princípio de prazer, limites clínicos, limites teóricos, clínica dos limites, excessos da vida atual, fantasiar, pensar, enfim, variações conceituais e experiências pessoais que permearam as discussões durante todo evento.

Participei, como coordenadora, da mesa redonda “A clínica psicanalítica como sustentabilidade teórica”, com apresentação dos trabalhos de Leđa Herrmann e Sandra Schaffa, ambas da sociedade de São Paulo. Ideias colocadas a respeito da clínica como lugar de produção teórica, como também, lugar de quebra das teorias delirantes e doutrinárias. A obediência e submissão a preceitos teóricos podem manter os analistas cativos de identificações imaginárias e à mercê da criação de escolas fechadas em si mesmas.

O termo sustentabilidade, tão em voga atualmente, remete-nos a pensar na sustentabilidade da psicanálise, e em como garantir a transmissão de um saber dentro de uma perspectiva que transita entre o passado e o futuro das próximas gerações.

A psicanálise resiste ao engessamento do pensamento explicativo, razão que mantém viva a eficácia do método psicanalítico através da experiência emocional, recriando em seu corpo teórico o livre fantasiar - condição que sustenta a criatividade além das doutrinas. Entre 1911 e 2011, muitos sonharam e criaram novos caminhos.

EDITORIAL

Congresso, congresso, congresso

E eu não fui... com lamento escrevo estas quatro palavrinhas. Como gostaria de ter visto a Brasileira se apresentar com tantos participantes e ainda duas colegas, Denise Salomão e Renata Martinelli, brilhantemente, arrebataram dois prêmios. Renata nos dá seu depoimento sobre essa emoção. Acho que não comerei nenhum excesso se disser que todos nós ficamos muito, muito orgulhosos. As fotos nos remetem às expressões dos participantes e ao sentido de troca e conagração que se deu em Ribeirão Preto.

Quanto ao México e ao congresso internacional, temos um relato de Simone Prais e sua experiência em representar a diretora do Instituto. O último congresso de psicanalistas de língua francesa também ganhou narrativa na nossa sociedade na apresentação de Admar Horn sobre "O Materno". Nesse mesmo período, nossa delegação em Maputo nos trouxe a joia do cinema de Isabel Noronha, importante representante da sétima arte em Moçambique, e nos sensibilizou para realidades distantes e duras, mas universais.

Nem só de congressos vivemos e nosso dia a dia segue nos trazendo, no próprio âmbito da Sociedade, novas questões e reflexões. O Instituto, através de Celmy Quilelli Correa, faz-nos pensar na dificuldade de pôr em prática as ideias que temos, por mais democráticas que sejam, à medida que implicam limites necessários para seguirmos formando bons profissionais - assunto também da Jornada. Ao mesmo tempo, temos as Atividades entre Pares para lembrarmos daquilo que funciona bem.

E last but not least, o pão nosso de cada dia, o instigante Fórum coordenado por Carlos Doin, onde a psicanálise é sempre atualizada com publicações recentes e o querido Café Literário promovido por Sandra Gonzaga, sempre enriquecendo seus participantes com a arte da boa leitura enquanto Angelica Cunha brinda nossos leitores com uma resenha de livro sobre D. Leopoldina. No mais, nossa programação científica e notícias do nosso site que fazem importante parte deste cotidiano.

Rica, rica, rica, nossa convivência para fora e para dentro das paredes da David Campista 80.

Monica Aguiar

**PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA**

WILSON AMENDOEIRA

Iniciamos nossas atividades científicas de outubro, no último dia 06, com a apresentação das ideias desenvolvidas por José Renato Avzaradel como continuidade à sua pesquisa sobre linguagem e pensamento.

Desta feita, brindou-nos com seu trabalho "Da Construção do Pensar", recentemente publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, o qual nos traz o manejo clínico que desenvolve com pacientes que apresentam dificuldades importantes de simbolização. As perguntas e comentários envolveram a todos os presentes e todos se sentiram enriquecidos com a troca de contribuições sobre o tema. Fica o compromisso de José Renato de trazer novos avanços para a pesquisa e para a elaboração das contribuições tão importantes para a clínica psicanalítica.

No dia 20 de outubro tivemos mais um Fórum Livre de Psicanálise coordenado por Carlos Doin. Neste Intervalo há um texto de Monica Aguiar

falando sobre esta atividade que enriquece a vida científica de nossos membros.

No dia 27 de outubro teremos, uma reunião científica com Henrique Honigsztein que apresentará o trabalho "A gênese de uma mente destrutiva", com os comentários de Altamirando Andrade.

No dia 28 de outubro, no Psicanálise & Cinema teremos uma Homenagem a Bernardo Bertolucci, a partir do filme LA LUNA, Jill Clayburgh. As debatedoras serão Celmy Quilelli Correa, nossa colega de Sociedade, e Susana Schild, roteirista e crítica de cinema de O Globo, e a mediação será de nosso colega Luiz Fernando Gallego, também membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro.

Homologações AGO 19. 09. 2011

Parabenizamos os colegas Carla Ida Serpa Pluen e Claudio Frankenthal, que concluíram o curso de formação psicanalítica e passaram a categoria de membro associado. Damos as boas vindas à colega Luiza Carolina Proença Nabuco, que reingressou como membro associado e à Cristina Gondim, que ingressou como membro convidado. Informamos que os representantes para a Assembléia de Delegados da Associação Brasileira de Psiquiatria são Bernard Miodownik e Maria Cristina Amendoeira.

Sandra Gonzaga e Silva



Jornada de Formação Psicanalítica



Jornada de Formação Psicanalítica

EXPEDIENTE**CONSELHO DIRETOR 2010-2011**

Presidente: Bernard Miodownik Vice-presidente: Luiz Fernando Guedes Gallego Soares

1ª Secretária: Sandra Gonzaga e Silva/ 2ª Secretária: Eliane Cotrim Levcovitz/ 1º Tesoureira: Eunice Raposo de Mello/ 2ª Tesoureira: Maria Lucia Moret de Carvalho/Diretor do Instituto: Celmy Quilelli Correa/ Vice-diretor do Instituto: Simone Grinapel Prais/Secretária do Instituto: Wania Cidade/Diretor do Conselho Científico: Wilson Amendoeira/Secretária do Conselho Científico: Clara Sauberman/Diretora do Conselho Profissional: Marguerite Labrunie/Secretária do Conselho Profissional: Regina Fernandes/Diretora da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: Nazli Faraj Sasson/Secretária da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: Maria Teresa Silva Lopes/ Deptº de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação Diretora: Monica Aguiar/Secretária: Ana Sabrosa/ Deptº de Difusão da Formação Psicanalítica Diretora: Sônia Eva Tucherman/Secretária: Simone Wenkert Rothstein/Site: Eliane Cotrim e Pedro Zugliani

REVISTA TRIEB

Editores: Aloysio d' Abreu, Maria do Carmo Andrade Palhares e Sherrine Njaine/Assessora Editorial: Munira Aiex Proença

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Monica Aguiar Coeditores: Ana Sabrosa, Lúcia Palazzo e Claudio Frankenthal Consultoria Editorial: Jean Claudio Santana (MT 26263/RJ) Projeto Gráfico e design: Luiz Berri Execução Gráfica: Celyne Alvim

A EMOÇÃO DE SER PREMIADA

O XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi aconteceu no Rio de Janeiro em 2009. Eu havia acabado de fazer as entrevistas do modelo I, da SBPRJ. Participei do congresso com um misto de alegria, expectativa e apreensão. Adorava estar imersa naquele “saber psicanalítico”, mas tinha consciência de que ainda não pertencia a ele. Será que um dia eu estaria inscrita em um congresso como candidata? Será que seria aceita na SBPRJ? A oportunidade de ver os didatas que haviam me entrevistado, assim como meu analista fora dos consultórios, foi um capítulo à parte. Eu era uma turista visitando uma linda praia alheia com muito desejo de ficar.

Dois anos se passaram. O XXIII Congresso Febrapsi foi em Ribeirão Preto. Lá estava eu para apresentar um trabalho e receber um prêmio por ele. Sem deixar de lado

toda a emoção e a expectativa que me rondavam desde que soube da premiação, o momento mais emocionante foi escutar do palco do Teatro Municipal Dom Pedro II, meu nome seguido das palavras: “candidata da SBPRJ”. É claro que fica o orgulho do trabalho premiado e do percurso feito no Instituto ao longo deste ano e meio de formação, mas outros trabalhos virão e outros anos, como candidata, farão parte do meu percurso. Minha maior emoção foi a sensação de pertencimento - como Membro Provisório - à SBPRJ. Percebi, então, que não estava mais naquela “praia como turista”. Tenho agora o “Green Card” e é apenas uma questão de tempo e muito trabalho! para conquistar a “cidadania definitiva” na Sociedade Brasileira de Psicanálise. Ter, portanto, meu nome vinculado ao da SBPRJ foi meu maior prêmio.

RENATA MARTINELLI

Os membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise do RJ e a direção do Instituto parabenizam Denise Salomão e Renata Martinelli pela premiação dos seus trabalhos no recente Congresso Brasileiro de Psicanálise de Ribeirão Preto, motivo de orgulho e incentivo para todos.



Denise, Wania e Renata



Denise e Renata

“É isso que nos faz lutar até sempre pela psicanálise, que nos permitiu um dia alcançar esse sentimento de pertencermos, finalmente, a nós mesmos”. Celmy de A. A. Quilelli Correa

EU TAMBÉM FUI ...

Abram Eksterman
 Admar Horn
 Adriana Lasálvia
 Adriana Portugal
 Aloysio d' Abreu
 Altamirando de Andrade
 Ana Maria Sabrosa
 Ângela Stieger
 Anna Lúcia Melgaço
 Anna-Maria Bittencourt
 Bárbara Domingues
 Bernard Miodownik
 Bruno Salésio
 Carlos Leal
 Celmy A. Quilelli Correa
 Décio Tenenbaum
 Denise Salomão
 Diana Raquel Souza
 Eliane Cotrim
 Eloá Bittencourt
 Eunice Raposo de Mello
 Fernanda Marinho
 Henrique Honigsztein
 Isabel Pessoa da Cunha
 José Carlos Carpilovsky
 Jane Kezem
 Jeremias Ferraz
 José Outeiral
 Letícia Tavares
 Liana Albernaz
 Lucía Moret
 Lúcia Palazzo
 Luciana Carvalho
 Luiza Carolina Nabuco
 Marci Passos
 Maria Cristina Amendoeira
 Maria Cristina Cunha
 Maria de Fátima Amim
 Maria do Carmo Palhares
 Maria Elisa Moreira
 Maria Helena Junqueira
 Maria Inês E. Carneiro
 Maria Noel Sertã
 Maria Teresa Lopes
 Maria Teresa Mancini
 Mariza d' Abreu
 Mauricio Gadbem
 Miguel Calmon
 Miguel Sayad
 Miriam Fainguelernt
 Nazly Sasson
 Ney Marinho
 Paulo Humberto Bianchini
 Pedro Gomes
 Regina Celi Kirsten
 Renata de Bastos Ferreira
 Renata Martinelli
 Sandra Gonzaga
 Sérgio Almeida
 Sérgio Belmont
 Sérgio Nick
 Sônia Eva
 Têlma Barros
 Wania Cidade
 Wilson Amendoeira



Uma turma de peso



A delicadeza de Anna-Maria



A elegância de Miriam



O sorriso da Sônia



Festa em Ribeirão



Mais festa



Entre colegas, nossa fotógrafa Sandra



O clima afetivo do Congresso

A equipe editorial relacionou os nomes acima com base na programação científica e indicação dos colegas participantes. Caso identifique alguma omissão, desculpem-nos pelo erro, e, por favor, comunique através do email sbprj@sbprj.org.br

CONGRESSO DA IPA no México

Para relatar minha experiência no Congresso Internacional de Psicanálise, que se deu na Cidade do México, em agosto, escolhi enfatizar a minha participação no pré-congresso

SIMONE GRINAPEL PRAIS

Particpei como apresentadora no *Working Party* no grupo do Dr. David Tuckett e como vice-diretora, representando a diretora do nosso Instituto, Celmy Quilelli, na reunião dos diretores dos Institutos das Sociedades filiadas à IPA. Ambas experiências riquíssimas que tentarei resumir para vocês.

Essa atividade do *Working Party* utiliza um método chamado de “two-step method” que se encontra muito bem explicado num livro intitulado *Psychoanalysis Comparable and Incomparable: The Evolution of a Method to Describe and Compare Psychoanalytic Approches*. O grupo consistia de um moderador (Dr. Eike Heinz), um consultor (Dr. David Tuckett), um apresentador do material clínico (eu), e mais seis participantes (psicanalistas do México, Argentina, China e Brasil). A exigência era que eu apresentasse três sessões clínicas de paciente que eu atendesse na frequência

mínima de quatro vezes semanais, duas sessões - uma seguida da outra - do meio de tratamento e outra do final do processo psicanalítico desse mesmo paciente. Essa atividade fora dividida em três partes de 4h cada. Nas primeiras quatro horas, eu apresentei as sessões e em seguida todos participantes fizeram todas as perguntas que julgaram importantes para esclarecimento do caso. As quatro horas seguintes se deram com o “step one”, onde as minhas intervenções foram examinadas de acordo com um diagrama, muito bem descrito no livro supracitado. E as horas finais se deram com o “step two” onde se estudou cada intervenção sob o viés dos diferentes modelos teórico-clínicos. Ao final dessa exaustiva empreitada, o grupo foi capaz de delinear o modelo teórico-clínico, bem como o approach clínico do apresentador. Devo dizer talvez tenha sido esta a experiência profissional psicanalítica mais desafiante, intensa, rica e gratificante da minha vida.



ARQUIVO SBPRJ

Na função de diretora do Instituto - conforme disse anteriormente, substituindo Celmy - particpei de uma reunião um dia inteiro. Os organizadores dessa atividade distribuíram todos os diretores de institutos em três grupos, sendo que em cada um havia um moderador, um analista didata supervisor e cerca de 14 diretores. No grupo que particpei pude ouvir colegas da Inglaterra, Madri, EUA, Berlim, México, Argentina e Israel. O supervisor-apresentador era um analista de Berlim que levou três supervisões de um candidato seu. No período da manhã, ele leu as supervisões e no período da tarde todos participantes foram convidados a argumentar sobre a possibilidade, ou não, desse candidato se tornar analista. A discussão foi riquíssima e os critérios sobre o que é fundamental num candidato para ele se graduar.

Aproveito a oportunidade para agradecer a Celmy e ao Sergio Nick por me possibilitarem esse enriquecimento profissional.

Atividade entre Pares

Todos costumam dizer que trocar experiências é bom, mas pelo que pude perceber nesses primeiros meses na Sociedade, não é tão fácil conseguir voluntários para apresentar um caso na “Atividade entre Pares”.

Refletindo sobre essa atividade, penso que se trata de uma experiência emocional intensa, onde está sendo exposto não apenas um caso ou um paciente, mas o manejo do analista em formação e, especialmente, o seu envolvimento emocional com todos os afetos ali despertados.

Tive oportunidade de participar desta atividade pela primeira vez em agosto. Rebeca Machado apresentou um caso com bastante generosidade, entrelaçando ideias, teoria e sentimentos. Carlos Lisboa fez os comentários com profundidade e sensibilidade, tendo sido a mesa coordenada por Renata Martinelli.

E, o que mais me chamou a atenção, como aluna nova, foi a receptividade do público presente e a participação respeitosa e carinhosa daquela plateia. Estabeleceu-se ali, de fato, um espaço de trocas. Trocas entre analistas com os mais variados perfis, abordagens e percursos.

Para quem é aluno, pareceu-me uma ex-



ARQUIVO SBPRJ

Carlos, Renata e Rebeca

celente ocasião para vivenciar a exposição de um caso em um ambiente agradável e seguro com a possibilidade de ampliar o entendimento do que se passa na relação com seu paciente. Além disso, vislumbrei uma grande oportunidade de ensaiar a apresentação futura dos tão famosos relatórios.

Acredito que todos - dos analistas mais

aos menos experientes - saímos enriquecidos pela experiência, tendo ficado para mim o sentimento simples e profundo de que, afinal, apesar de ímpares, somos todos pares.

PS: E tem o almoço de adesão que é uma delícia à parte.

Maria Noel Sertã

Inventar é uma coisa, fazer é outra.

Moral: Ter ideias é fácil, o pior é pô-las em prática

Desde o começo do ano, quando entrei em contato com as tarefas implicadas na direção do Instituto, frequentemente me vinha à cabeça uma fábula de Esopo que termina com essa moral: “quem pendura o guizo no rabo do gato?”

É fácil perceber de que modo a moral da fábula se aplica à nossa situação. O Regulamento do Instituto de Ensino da SBPRJ precisava ser aplicado à nossa realidade, uma vez que tinha sido pensado, repensado, democratizado, aprovado por todos, mas não se conseguia efetivá-lo em toda a sua letra. Pelo menos as quatro últimas gestões se dedicaram a estudar e pensar soluções para que se resolvesse o problema do gargalo do final da formação, que poderia ser resumido (mas não esgotado) na apresentação dos relatórios. Resultados parciais foram conseguidos, mas o número de situações pendentes em março de 2011 era de 36. Alguma coisa precisava ser feita, ou mais uma gestão se esgotaria em tentativas, apesar do empenho, boa vontade e “acolhimento” da Instituição.

O Comitê de Formação dedicou-se, então, a estudar os casos em sua singularidade: entrevistas foram marcadas, histórias pessoais bastante significativas foram escutadas, prazos foram estipulados por alguns dos entrevistadores (e novamente descumpridos, sem

nenhuma justificativa formal), novamente em agosto outra tentativa de aproximação foi feita para que se transmitisse a noção de que algo diferente estaria em processo. Alguns se sensibilizaram, retomaram o trabalho com orientadores de modo mais constante, dois colegas se tornaram associados. No entanto, a impressão que se tinha é de que a inércia do grupo era muito grande, como um sistema de articulações enrijecidas. Este foi todo o trabalho do primeiro semestre que desabrochou na Jornada do Instituto, cuja organização se deve à equipe de Ruth Naidin, Wania Cidade, Haydée Côrtes Piña Rodrigues e Luciana Carvalho que tomaram a tarefa a si, e a executaram de um modo em que 54 colegas se aproximaram e dialogaram frutiferamente. A finalização da Jornada estará em breve disponível em um caderno eletrônico que sintetizará as plenárias sobre os temas GAACs, Supervisão e Formas de Avaliação.

Continua-se a Jornada, termo que desde alguns séculos está mais desvinculado da noção de tempo, aproximando-se mais do significado de viagem, percurso. Mas percurso dinâmico, bem entendido. Aquele que se expresse pela ação, que em nossa área é sempre confundida com impulso sem pensamento. E, talvez seja importante recorrer à cientista



ARQUIVO SBPRJ

política H. Arendt (1958, 1987) que designa ação como implicada indissociavelmente ao pensamento e elemento fundamental do ser político. A *vita activa*, “a ação, é prerrogativa exclusiva do homem; nem um animal, nem um deus é capaz de ação, e só a ação depende inteiramente da constante presença de outros.”

Após a Jornada o trabalho continuava, e continua... Outras medidas foram apresentadas e discutidas. E, é claro, em seus devidos lugares institucionais. Mas, retomando a fábula, chega a hora em que alguém tem que colocar o guizo no rabo do gato, metáfora aqui usada para representar o perigo que paralisa uma comunidade e a impede de produzir livremente. Assim a concebeu Esopo, no século VI a.C.. Ter ideias é fácil, o pior é pô-las em prática.

CELMY DE A. A. QUILLELLI CORRÊA

Jornada de Formação Psicanalítica



ARQUIVO SBPRJ

Bernard, Haydée, Celmy e Wania

Ainda entusiasmados com a produção da Jornada, agradecemos aos 54 participantes diretos entre Facilita-

dores, Relatores e Coordenadores dos Grupos de Trabalho e também, àqueles que participaram dos grupos contribuindo com suas ideias e impressões.

Em um dia e meio de Jornada, contamos com 12 Grupos, cada um com a média de 08 a 10 participantes, discutindo temas diretamente relacionados à formação psicanalítica. Os temas GAAC, Supervisão e Avaliação resultaram numa profunda discussão sobre as dificuldades e entraves no funcionamento e desenvolvimento dessas atividades. Ao final, a Jornada levou-nos a pensar e confirmar a imperiosa

necessidade de mudanças no processo de formação. Precisamos de maior comprometimento das partes envolvidas - membros efetivos com funções plenas, efetivos, associados e provisórios - para a complexa elaboração de um projeto que valorize a transmissão da psicanálise.

Em breve, publicaremos um caderno eletrônico com o resumo da Jornada a partir da síntese das discussões nos grupos e nas plenárias.

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
P/Comissão organizadora

TRABALHOS COMPARTILHADOS

ARQUIVO SBPRJ



Diana, Christine e Admar

Com auditório repleto, recebemos na tarde do dia 26 de agosto as psicanalistas Christine Jean-Strochlic e Diana Tabacov. As colegas que são membros da IPSO de Paris foram ciceroneadas por Admar Horn que nos apresentou a ambas com a satisfação de quem tem a oportunidade de retribuir o acolhimento recebido na época em que estudou na França.

Christine apresentou um trabalho que busca, a partir do relato de dois casos clínicos muito instigantes, definir o objeto da psicossomática. Uma investigação que, solvida da

fonte psicanalítica, visa diferenciarse, compreendendo em que a clínica psicossomática se distingue da clínica psicanalítica clássica.

Além da inspiração em P.Marty, M.de Muzan e C.David, para pensar na ideia de desmentalização - conceito central na teoria psicossomática - a autora menciona a importância das contribuições de André Green, especialmente àquelas que se referem ao estudo sobre o Negativo sobre os efeitos da pulsão de morte. E traz, também, a teoria do Conhecimento de Bion (O vínculo K). Diana, em seus comentários elucidativos, frisou que a psicossomática francesa se debruça atualmente em Freud encontrando nesse autor recursos teóricos importantes para a psicossomática. "Nosso fundador" atribui ao soma a fonte que inspira o psiquismo. É do soma que parte a pulsão. Este viés permite, assim, a passagem pelas concepções fundamentais da função materna, do masoquismo, da passividade levando os franceses a se ancorarem em Freud para dialogar cada vez mais amplamente.

A apresentação dos dois casos de

depressão essencial - quando se verifica um ataque à vitalidade-, apontava para a estreita relação entre função materna e capacidade de mentalização e para o fato de que a falha no desempenho dessa função cria dificuldades no processo da mentalização e portanto, de subjetivação. Se ao paciente falta mentalização, falta espessura psíquica. Ao analista cabe o desempenho da função materna, de digestão psíquica. Baseado na sua contratransferência, o analista oferece ao paciente o seu pré-consciente que aliado ao pré-consciente do paciente, cria um objeto analítico compartilhado. Esse trabalho psíquico compartilhado promove um processo de subjetivação e de libidinização e cria, também, destinos psíquicos para que a pulsão tenha o soma como fonte e não mais um alvo mortífero.

A tarde foi de banquete consistente... Compartilhado prazerosamente!

Agradecemos a Christine e a Diana que tão generosamente ofereceram a nós "uma prova" de trabalho tão difícil quanto delicada.

Au revoir! Até a próxima!

Simone W. Rothstein

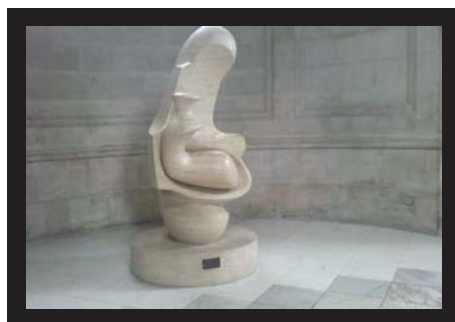
"LE MATERNEL"

A reunião científica que nos brindaram Admar Horn e Miguel Calmon foi profundamente interessante.

Admar, com sua proverbial simpatia, transmitiu-nos suas vivências a partir do último congresso de psicanalistas de língua francesa, realizado em Paris, cujo tema foi "Le Maternel". Ele narrou suas experiências na cidade luz a partir desse conclave, familiarizando-nos com os principais teóricos franceses sobre o tema e possibilitando assistir a uma película bastante comvente, cujo roteiro de autoria da psicanalista Julia Kristeva impactou a audiência. Miguel em seus comentários abordou o conceito "o maternal" que não se restringe apenas à função materna, inclui uma vasta gama de experiências que ocorrem na diáde mãe-bebê. Mais do que os cuidados maternos, é toda uma sequência de vivências que se impõe; mais do que uma experiência semântica, o que se trata, em suma, é uma prática de interrelações ancorada nos afetos:

a prosódia da fala da mãe, segundo feliz expressão de Renée Roussillon e bem lembrada por Calmon. A discussão propiciou o desenvolvimento e um maior esclarecimento em relação às ideias transmitidas pelos expositores, o que em última análise, abrilhantou ainda mais aquela noite.

Sergio Almeida



Mother and Child: Hood 1983 - Henry Moore - Catedral de St. Paul

Fórum do Doin, uma breve notícia

O último Fórum Livre de Psicanálise promovido por nosso excelente professor, Carlos Doin, estimulou a discussão em torno do empolgante artigo do International Journal sobre uma jovem psicanalista às voltas com uma paciente adolescente muito infantilizada, durante os primeiros seis meses de análise. O trabalho da psicanalista iniciante, relatado de forma bastante espontânea, é comentado por dois analistas mais graduados que apontam as inúmeras falhas da profissional. Doin favoreceu uma boa discussão do caso assim como, das observações dos comentadores, das dificuldades inerentes à condução de um caso, como este citado, e também, dos casos de uma maneira geral. O Fórum continua sendo uma oportunidade mensal inestimável de discussão de alto nível da psicanálise e sua prática no âmbito da nossa Sociedade. Obrigada, Doin, por sempre nos brindar com novas chances de aprimorarmos nosso ofício através de leituras atuais e discussões destas.

O Cinema Emocionante de Isabel Noronha



Marci, Ney e Tânia

Quem não foi a Maputo e nem participou do intercâmbio com os moçambicanos, ainda teve uma chance de sentir o drama deste povo sofrido na mostra de filmes de Isabel Noronha, cineasta e psicóloga moçambicana no auditório da SBPRJ no início de setembro.

A devastação do país e a mutilação das

famílias pelo HIV foi retratado habilmente numa mistura de animação e documentário sobre histórias pessoais onde vamos constatando que a necessidade de amar e ser amado ainda prepondera sobre todas as desgraças da dizimação por doença e guerra. Histórias de crianças lidando com suas orfandades, exercendo papéis tutelares de si mesmos e dos menores ou dependendo apenas dos avós idosos expressam alguns questionamentos quanto a essas possibilidades.

Após a exibição dos filmes Tânia Rauen Bastos e Marci Dória Passos debateram tanto o conteúdo, como a proposta terapêutica da cineasta, abrindo interessante discussão mediada por Ney Marinho. Os três fizeram parte da delegação a Maputo.

Monica Aguiar

CAFÉ LITERÁRIO

SANDRA GONZAGA E SILVA

Tudo que você lê, seja Guimarães Rosa, seja uma notícia de jornal, seja o rosto de uma pessoa, aumenta sua alma. Para isso que serve a literatura. (Zé M. Wisnik)

As reuniões do Café continuam nos oferecendo encontros especiais proporcionados pela palavra literária e que nos chega também como registro oral nas tantas histórias compartilhadas. Numa dessas sextas-feiras, ouvimos os comoventes relatos do nascimento na roça de Zé Candido e Ildes Milbratz. Ildes conta do cuidado da tia que veio do Rio e improvisou uma incubadora para a neném prematura, nascida no rigor do inverno capixaba, com tijolos e "trampo" (chapas) de fogão à lenha. Os mesmos olhos

azuis que velavam pela menina serão reconhecidos quando Ildes, já médica, vai visitar a tia velha e doente a quem vira poucas vezes desde aqueles primeiros tempos.

Muitas vezes, entretanto, contar fica impossível. É o caso de Jorge Semprún, escritor espanhol participante da resistência francesa que só depois de muitos anos pode relatar sua experiência num campo de concentração. Para ele, era "a escrita ou a vida", revela-nos Aurea.

Em outros autores como Mia Couto, as terríveis vi-



vências de sua África, marcada pelo horror, dão ensejo a uma prosa poética que afirma a vida. Viviane ainda impressionada pela experiência africana lê do autor o conto "O filho da Morte".

Muitas vezes, tantas palavras. Tragam as suas.

DIVAGAR É PRECISO

CARTAS DE UMA IMPERATRIZ

D. Leopoldina

O livro mostra a evolução dos sentimentos de uma menina que veio a ser princesa nos trópicos, conformada com seu destino, como eram as mulheres de casas reais ou não, nos anos de 1800.

Acompanhamos o que ela considerava amor por D. Pedro I, consciência e conformismo com seu papel que deveria ser sempre inferior ao do marido, apesar de ter preparo intelectual acima do dele.

As cartas retratam a tristeza da Princesa por não ver mais sua terra natal nem rever a família e a tristeza de pressentir que não veria seus filhos crescerem. Retratam, também, seu deslumbramento e curiosidade com um país tropical e tão diferente do seu.

Acho que ela sabia que as cartas seriam história e escreveu como se soubesse que, muito tempo depois, seriam lidas, deixando, assim, um papel menor para D. Pedro. Essas cartas podem ter sido a vingança da Princesa Leopoldina.

ANGELICA CUNHA



FICHA TÉCNICA

Título: *Cartas de uma imperatriz. D. Leopoldina*
 Autor: Dona Leopoldina
 496 páginas
 Editora: Estação Liberdade

Notícias do site

www.sbprj.org.br

Para atualizá-los nas notícias de nosso novo site, venho informar, com prazer, que depois de algumas turbulências - não nossas - recebemos aprovação da página principal do site que já está completamente reformulada.

Foi uma boa surpresa, porque em termos de navegação, vocês verão que está muito mais clara e ágil, vai

facilitar e muito a quem entrar para nos conhecer. Para nós, isto facilita o acesso a todos os departamentos e, não menos importante, deixa-nos mais vaidosos pela boa apresentação com um layout moderno e dinâmico.

Essa é, portanto, uma mensagem de esperança. Vamos ficar muito vaidosos com nosso novo site.

Assim que chegarem as páginas referentes aos departamentos, vamos combinar encontros para ouvir todas as demandas e expectativas de conteúdo para que, assim, integremo-nos em uma proposta harmônica.

Por aqui, vamos continuando o trabalho. Até breve.

Eliane Cotrim